



ASPECTOS DA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA SOB A PERSPECTIVA DE ISAAC GOLDBERG: UMA ANÁLISE DE BRAZILIAN LITERATURE

ASPECTS OF THE FORMATION OF BRAZILIAN LITERATURE UNDER THE PERSPECTIVE OF ISAAC GOLDBERG: An ANALYSIS OF BRAZILIAN LITERATURE

Marcio Roberto Pereira 1

Resumo: Publicada em setembro de 1922, a obra de Isaac Goldberg, intitulada *Brazilian Literature*, representa um importante marco na divulgação e sistematização da literatura brasileira pelo ponto de vista de um escritor norte-americano. Dividida em duas partes, intituladas “An outline history of Brazilian Literature” e “Representative personalities”, a obra do crítico oferece um panorama que destaca os principais momentos da história da literatura brasileira e seleciona os escritores com mais representatividade. Escrita em Língua Inglesa, a obra de Goldberg é influenciada pelas histórias da *Literatura Brasileira* de Silvio Romero, publicada em 1888, de José Veríssimo (1916) e de Ronald de Carvalho (1920). O objetivo desse trabalho, portanto, é analisar a vinculação do método crítico de Isaac Goldberg em relação aos métodos utilizados pelos intelectuais brasileiros para compor as três primeiras histórias da *Literatura Brasileira*.

Palavras-chave: Isaac Goldberg. História da Literatura. Crítica.

Abstract: Published in September 1922, Isaac Goldberg’s work, entitled *Brazilian Literature*, represents an important milestone in the dissemination and systematization of Brazilian literature from the point of view of an American writer. Divided into two parts, entitled “An outline history of Brazilian Literature” and “Representative personalities”, the critic’s work offers an overview that highlights the main moments in the history of Brazilian literature and selects the most representative writers. Written in English, Goldberg’s work is influenced by the stories of *Brazilian Literature* by Silvio Romero, published in 1888, by José Veríssimo (1916) and Ronald de Carvalho (1920). The objective of this work, therefore, is to analyze the linkage of Isaac Goldberg’s critical method in relation to the methods used by Brazilian intellectuals to make up the first three histories of *Brazilian Literature*.

Keywords: Isaac Goldberg. History of Literature. Criticism

1 Pós-doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP / Araraquara), Doutor e mestre em Letras pela UNESP (Assis). Docente e pesquisador na UNESP-Assis, na área de Literatura Portuguesa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1069392406950325>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4311-9629>. E-mail: marcio.pereira@unesp.br



The growing importance of Brazil as a commercial nation, together with a corresponding increase of interest in the study of Portuguese (a language easily acquired by all who know Spanish) will have the desirable effect of making known to the English reading public a selection of works deserving of greater recognition (GOLDBERG, 1921, p. 13).

No poet, no artist of any art, has his complete meaning alone. His significance, his appreciation is the appreciation of his relation to the dead poets and artists. You cannot value him alone; you must see him, for contrast and comparison, among the dead. I mean this as a principle of aesthetic, not merely historical criticism...What happens when a new work of art is created is something that happens simultaneously to all the works of art which preceded it...The poet who is aware of this will be aware of great difficulties and responsibilities.”(ELIOT, 1992, p 97).

Issac Goldberg (1887-1938) foi um entusiasta da literatura brasileira, mas também era um intelectual que buscava conhecer outras literaturas, diferentes da produzida nos Estados Unidos, seu país de origem. Nascido em Boston, ele vivencia toda uma efervescência cultural ao ter contato com diversos povos que migravam para a América. Em um texto publicado em 1929, na revista **The American Mercury**, Goldberg retrata sua infância e adolescência como sendo uma experiência cheia de influências de outros povos e idiomas:

We were a cosmopolitan gang. There were Italians, Scotch, Irish, Bohemians, Jews and nondescripts. Here we received our first lessons in languages. We could curse, for example, in all these idioms, and babble a bit in tongues. Demark, McGovern, Kovar, Donovan . . . these were as often my companions as were the Wolfsons, Fritzes, Levis and Golds. We knew nothing of racial prejudice; one touch of Nature —usually a top seat in the gallery of the burlesque houses—made us all kin. Later, our education would be completed by our parents; we would learn to hate one another as befits members of a Christian civilization.

A partir desse conceito de civilização, forjado desde sua infância, Goldberg buscará compreender e analisar a formação literária e cultural de vários países. Exerceu diversas funções desde biógrafo de H. L. Mencken e George Gershwin, a ensaísta, crítico literário, crítico de teatro, crítico musical, editor e tradutor. Um exemplo de um intelectual que conseguia transitar e estabelecer relações em diversas formas de arte. Inclusive, é importante salientar que Goldberg edita no volume n.º 733 da série Little Blue Book, nos Estados Unidos, alguns contos de Monteiro Lobato sob o título **Brazilian Short Stories**. Os contos publicados foram: “O Engraçado Arrependido” (“The Penitent Wag”); “Suplicio Moderno” (“Modern Torture”) e “O Comprador de Fazendas” (“The Plantation Buyer”).

Nota-se, portanto, que Issac Goldberg terá uma relação muito próxima com as literaturas hispano americanas e portuguesa. Em especial, foi entre os anos de 1910 e 1912 que, sob a orientação de professor de Harvard, Jeremiah Denis Matthias Ford, o crítico começa suas pesquisas que servirão de base para suas obras sobre a literatura brasileira. Publica em 1920 os **Studies in Spanish-American Literature** e, posteriormente, em 1922, sua obra mais completa sobre o Brasil, intitulada **Brazilian Literature**. Antes de publicar essa obra, o crítico americano tem uma relação muito próxima com Monteiro Lobato, traduzindo e editando seus contos, conforme informação anterior, e escrevendo alguns artigos para a **Revista do Brasil**, como, por exemplo um texto intitulado “Um novelista do nacionalismo brasileiro” (dezembro de 1921), que anteriormente havia sido publicado no jornal norte-americano **Evening Boston**.

No ano de 1923, Gilberto Freyre publica na **Revista do Brasil**, nº 89, maio 1923, pp. 43-49, uma resenha sobre **Brazilian Literature**, lançada em 1922 e que dedicava uma parte (X-The Newer Writes) para Lobato. Essa troca de informações e perspectivas entre esses escritores, criou um terreno fértil para a publicação e difusão de Lobato nos Estados Unidos e de Goldberg no Brasil. Nesse intervalo entre intelectuais e propagandistas, situava a relação entre esses escritores que, por sua vez, se uniam pela ideia de nacionalismo. Como define Goldberg, na **Revista do Brasil**, de dezembro de 1921: “Na base do nacionalismo de Lobato encontra-se o único fundamento da arte: Sinceridade” (Dezembro, 1921, p. 377).

É importante enfatizar que para Goldberg, Monteiro Lobato seria um ponto de criação de um “novo nacionalismo” na literatura brasileira. Um ponto de renovação que se consolidaria com a Revista do Brasil. Essa posição pode ser compreendida porque os escritores dessa geração não buscavam obras que fossem caracterizadas pelo caráter individual e plenamente artístico, mas, por outro lado, por uma temática nacionalista e quase em continuação com os pressupostos da escola realista/naturalista. A arte serviria para traçar um panorama do país, o aspecto artístico/literário seria deixado para segundo plano.

Por esse viés, a publicação dos contos de Monteiro Lobato em Língua Inglesa, seja via coleções como a Little Blue Books, nº 733 ou com a publicação das traduções de contos brasileiros na obra **Brazilian Short Stories** (1925) ou na edição de **Brazilian Literature**, em 1922, todos sob o comando de Isaac Goldberg, indicam esse método, também adotado por Lobato na sua **Revista do Brasil**, de trazer à tona um “nacionalismo” perdido. Um ponto de vista que mostrasse as mazelas de um povo via regionalismo. Essas são as palavras de Goldberg, que evidenciam esse processo/projeto:

Monteiro Lobato represents the most recent phase of the Brazilian reaction against Gallic literary influence. Though not pretending primarily to be a writer, he yet has inaugurated what amounts to almost to a new period of the national letters. At the bottom of his nationalism, however, is the one valid foundation of art: sincerity. (...) Lobato's work in every phase is first of all an act of nationalism. To this caustic spirit, the real Brazil-the Brazil that must set to work stamping its impress upon the arts of the near future-lies in the interior of the country, away from the cosmopolitanism of the littoral. Yet his practice largely belies this implied regionalism (GOLDBERG, 1925, p.7).

O fragmento acima faz parte da Introdução à obra **Brazilian Short Stories**, da Série Little Blue Books, nº 733, dedicada aos contos de Monteiro Lobato. Percebe-se, dessa forma, que as escolhas de ambos os escritores para ilustrar essa “nova literatura”, arquitetada via “sinceridade”, coloca Monteiro Lobato como o centro de uma nova geração, conforme a parte 10 da obra **Brazilian Literature**.

Ao se observar mais de perto essa obra, tem-se vários indícios de que sua preparação foi consolidando-se a partir de dois polos, Brasil e Estados Unidos, numa rede de escritores e intelectuais brasileiros (Monteiro Lobato, Gilberto Freyre, etc) e americanos (Burton Kline, Jeremiah Denis Matthias Ford); editoras e revistas de ambos os países (**Revista do Brasil**, **The American Mercury**, etc) a série Little Blue Books, além de outras instâncias de ratificação de um “novo nacionalismo”.

No entanto, ao publicar sua obra **Brazilian Literature** em 1922, Isaac Goldberg encontra no Brasil a implementação das ideias modernistas que iriam na contramão de um nacionalismo que polarizava o interior e o litoral. Ao utilizar como referência para sua obra, teóricos que estabeleceram o cânone literário brasileiro, Goldberg dialoga com um passado que estava sendo repensado até mesmo por críticos como José Veríssimo que, ao escrever sua **História da literatura brasileira**, em 1916, percorre um longo caminho de aproximação entre a literatura e a formação da nação brasileira.

De certa forma, Goldberg retoma algumas ideias de Veríssimo, Silvio Romero e Ronald de

Carvalho não se importando com a efervescência causada pelos Modernistas da geração de 1922. Segundo Goldberg:

As I write, Lobato's Sao Paulo is seething with revolt. Revolution, in ideas and in action have been the history of that region. It is not the least of Lobato's virtues that his intellectual revolt seeks practical outlet. He means his blue-prints to be, some day, inspiring temples. And he is one of the finest social architects of contemporary Brazil (1925, p. 9).

Nota-se que Lobato transforma-se num revolucionário intelectual porque, segundo Goldberg, não está inserido apenas num contexto literário; sua proposta amplifica-se ao mostrar que a arte, a cultura, a literatura deve ser um instrumento de mudança social e de denúncia das mazelas de uma nação. Goldberg, nessa "Introdução" à obra de Lobato, destaca o fato de o Jeca Tatu ter motivado políticas de saúde pública:

Let me interrupt once again to say that in his pamphlet "Problema Vital," Lobato studies this problem, indicating that man will be victorious over the tropical zone through the new arms of hygiene. The pamphlet caused a turmoil throughout Brazil, and sides were at once formed, the one considering Lobato a defamer of the nation, the other seeing in the work an act of sanative patriotism. As a result, a national program of sanitation was inaugurated. This realism of approach, so characteristic of Lobato, made of his figure Jéca Tatu a symbol that has in many minds replaced the idealized image of Pery, from Alencar's "Guarany." Jéca thus stands for the most recent critical reaction against national romanticism (GOLDBERG, 1925, p.9).

A importância da obra de Lobato foi substituir um personagem idealizado por uma figura "real", que poderia ser um agente para a mudança da sociedade brasileira. Essa perspectiva de Goldberg sobre Lobato, e sobre a literatura de um modo geral, como agente de modificação de uma sociedade foi perseguida pela chamada "Geração de 1870", que vislumbrava uma maior abertura do Brasil para "adaptar" as ideias vindas do estrangeiro. Muitas dessas relações foram bem delineadas na excelente tese de Rosemary de Paula Leite Carter, intitulada **Monteiro Lobato acontece na América: análise de duas transposições do conto "O Engraçado Arrependido" de Monteiro Lobato para o idioma inglês, respectivamente, em 1925 e 1947 e a relação intelectual entre o crítico Isaac Goldberg e o autor brasileiro.**

José Veríssimo, em sua **História da Literatura Brasileira**, dedica um capítulo ao chamado Modernismo. Para o crítico paraense as "novas ideias" teriam sido marcadas por fatos de "ordem política e social e ainda de ordem geral, (que) determinaram-lhe ou facilitaram-lhe a manifestação aqui" (VERÍSSIMO, 1916: 314). Entre esses fatos podem-se citar a Guerra do Paraguai, as discussões entre uma visão religiosa ou laica do ensino, a guerra franco-alemã, a revolução espanhola, a Proclamação da República na França (1870) — que geraram uma agitação republicana no Brasil. Todos esses fatos, aliados ao "movimento das ideias", contribuíram para a construção de novas abordagens da literatura e cultura brasileira.

Segundo José Veríssimo, "foi nos próprios livros franceses de Littré, de Quinet, de Taine ou de Renan, influenciados pelo pensamento alemão e também pelo inglês, que começamos desde aquele momento a instruir-nos de novas ideias" (VERÍSSIMO, 1979: 347).

Para os críticos da "geração de 70" o "bando de ideias" vinham da França e da Europa, matrizes também para os escritores da geração modernistas de 1922. Para Lobato, no entanto, existe uma percepção de um melhor alinhamento com os Estados Unidos e por isso a aproximação

com Goldberg.

Ao analisar mais detidamente a construção da obra **Brazilian Literature**, observa-se que *há um método, utilizado pelos historiadores da literatura no período romântico e em especial no realista em que “nosso progresso literário, está correlacionado com a nossa evolução nacional”* (VERÍSSIMO, 1916: 35).

Segundo João Alexandre Barbosa:

Neste sentido, ao se falar em método de um autor, o que se quer significar é, sobretudo, aquilo que resultou de escolhas por entre possíveis maneiras de ler, analisar e interpretar dados advindos da própria leitura. É claro que, para essa leitura, que se completa pela interpretação, concorrem fatores ou circunstâncias, dentre os quais avultam, sem dúvida, as técnicas de leitura utilizadas, que combinam elementos individuais e de contexto.

Os métodos críticos, pois é em torno deles que se está refletindo, jamais são, por assim dizer, quimicamente puros, sobretudo aqueles que são referidos às misturadas expressões de arte, em que são tão decisivos os elementos de impureza da realidade circunstancial e histórica quanto às aspirações por uma especificação de linguagem que sonhe em anular as ambivalências e ambigüidades que existem naquelas expressões.

A escolha de um método, portanto, é traço indicial das tensões entre circunstâncias individuais e históricas, ambas sempre presentes no próprio objeto de leitura e conseqüente interpretação, que resultam numa espécie de estilo crítico do leitor (BARBOSA, 2006, 15-6).

Em 1921, Goldberg, em **Brazilian Tales** já buscava fazer um panorama metodológico da literatura brasileira ao apresentar alguns contistas para leitores de Língua Inglesa:

Brazilian literature has been divided into four main periods. [...] At the time of the discovery of Brazil only Italy, Spain, France and Portugal possessed a literary life. Portugal, indeed as the Brazilian critic points out¹³⁶, was then in its golden period. It boasted chroniclers like Fernao Lopes, novelists like Bernardim Ribeiro, historians like Joao de Barros, and dramatists of the stamp of Gil Vicente. The Jesuit colleges, too, were followed by other orders, spreading Latin culture and maintaining communication between the interior and the important centers. It is natural, then, that early letters in Brazil should have been Portuguese not only in language, but in inspiration, feeling and spirit [...] both the Spanish and the Portuguese writers of America were to be influenced greatly by French literature. [...] but the Brazilian literature as a whole, he found, lacked the perfect continuity, the cohesian, the unity of great literatures, chiefly because it began Portuguese, later turned to east (particularly France) and only then to Brazil itself (GOLDBERG, I. Introduction. **Brazilian Tales**, 1921, p. 10-11).

Partido de conceitos centrados no positivismo e no cientificismo, Isaac Goldberg, assim como José Veríssimo, organiza um campo intelectual, convertendo a crítica literária num gênero,

que traduz, legitima, e hierarquiza as obras literárias em fatores intrínsecos e extrínsecos ao campo intelectual de ação. **Brazilian Literature** adquire muito mais um viés histórico, sob a perspectiva de um crítico literário que se aproxima do documental e jornalístico.

A construção de uma história da literatura está, segundo Eva Kushner, vinculada ao processo de delimitação de um corpus:

O corpus está geralmente ligado, pelo menos numa primeira fase de desenvolvimento, ao despertar de uma consciência nacional e a uma unidade linguística. Poderíamos até remontar, no caso de um grande número de literaturas europeias, até ao seu Renascimento, com a respectiva tomada de consciência literária alicerçada num movimento de “defesa e ilustração” de uma língua vernácula; mas não devemos esquecer que é essencialmente na órbita do romantismo que dicionários, catálogos, comentários, cursos, ensaios em que se fazia uma apresentação crítica das séries de textos literários começam a ser substituídos por histórias (quer este vocábulo figure ou não no título das obras); isto é, por estudos de conjunto baseados na noção de um devir comum e orientado (KUSHNER, 1995, p.152)

Esse “devir comum e orientado” estabelece as relações de harmonização entre os diversos períodos, estilos e escritores que, concatenados pelo ponto de vista teórico do crítico/historiador, ganham uma aparente unidade e sincronia entre história da literatura e história literária. A primeira faz um estudo da “vida literária”, criando contextos biográficos tanto no âmbito coletivo quanto no individual. A segunda, por outro lado, seleciona textos e escritores a partir de critérios estéticos, sociais, ideológicos, históricos, entre outros. A inter-relação entre essas unidades é estruturada através de uma “introdução”, ou “prefácio”, que define e delimita o projeto do crítico e de sua história da literatura.

Essa perspectiva é corroborada quando se observa que o prefácio da obra de Goldberg é feito pelo seu mentor e precursor dos estudos de literaturas hispânicas e brasileira. Outro importante elemento é o fato de a obra ser dedicada para Burton Kline, um dos primeiros jornalistas a publicar os ensaios de Goldberg. Jornalismo e literatura também faziam parte da trajetória de Monteiro Lobato, José Veríssimo, Silvio Romero entre muitos outros. Depois de ratificar sua consideração ao seu primeiro mestre, ao seu primeiro incentivador no ramo do jornalismo, Goldberg faz uma introdução de sua obra, estabelecendo as bases para seu método. Partindo de um questionamento sobre o desconhecimento da cultura brasileira — “If, then, we are, as a people, quite as far as ever from Spanish America, what shall we say of our spiritual distance from the United States of Brazil?” (GOLDBERG, 1922, IX) — o prefácio dividirá as questões estéticas dos fatos inerentes à formação da literatura/sociedade brasileira:

If, in any part, I seem dogmatic, I can but plead the exigencies of space, which permit of little analytic discussion. I am no believer in clear-cut formulas as Applied to art; where facts are presented, they are given as succinctly as possible, while opinions are meant to be suggestive rather than—ugly word!—definitive. The first part of the book is devoted to an outline history of Brazilian literature; this is meant to provide the background for a proper appreciation of the representative figures treated in the second part. Since the first part deals largely with facts, I have aimed to give the reader not solely a personal view—which belongs more properly among the essays of the second—but also a digest of the few authorities that have treated the subject. It thus forms a reasonably adequate introduction to the deeper study of

Brazilian literature that may some day interest a portion of our student body, and will, moreover, be of aid in rounding out the sharp corners of a general knowledge of letters (GOLDBERG, 1922, XI).

Essa oscilação entre o papel de jornalista via crítico literário e historiador está em simetria com outras obras que buscavam estabelecer uma linha “evolutiva” das letras no Brasil. Percebe-se que o método utilizado por Goldberg não é original porque divide sua pequena história da literatura ou seu “outline” em duas partes: a primeira intitulada “An Outline History of Brazilian Literature” será um apanhado de informações já definidas pelos críticos brasileiros. Inclusive, é importante salientar, que o panorama proposto pelo crítico norte-americano é muito parecido com aquele proposto no índice da **História da Literatura Brasileira**, de José Veríssimo e o índice proposto por Ronald de Carvalho em sua **Pequena História da Literatura Brasileira**, em especial a marcação dos períodos e datas.

Segundo João Alexandre Barbosa, essa proximidade de projetos para a interpretação do Brasil e a utilização de métodos parecidos:

Era natural: desde o começo das reflexões críticas no Brasil, mesmo as menos sistemáticas, empreendidas pelos próprios criadores entre os séculos XVII e XIX, o debate centra-se na busca de uma diferença com relação à Europa e, portanto, pela identidade nacional. Neste sentido, a interpretação da literatura era subsidiária da preocupação maior em identificar os traços culturais que serviam de base para uma definição abrangente do país (BARBOSA, 1990, p. 41).

Na segunda parte de caso de **Brazilian Literature**, haverá e indicação desse traço de “diferença”, responsável pela originalidade e independência da literatura brasileira. Aparecendo no meio da obra, essa parte é intitulada “Representative Personalities”, apresentando-se como uma galeria daqueles escritores e intelectuais que representam a “alma brasileira”. Os escritores elencados nessa parte são: Castro Alves, Machado de Assis, José Veríssimo, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, Graça Aranha, Coelho Neto, Francisca e Monteiro Lobato. No caso de Lobato acontece algo muito peculiar: o escritor não é citado na Introdução da obra, não aparece de forma representativa no decorrer do texto e não é nominalmente indicado como uma “personalidade representativa”. No entanto, o subcapítulo X da parte dois da obra, é chamado de “The Newer Writers”, mas essa parte é toda dedicada a Monteiro Lobato.

Otra observação importante é que o livro mescla diversos gêneros —poesia, romances, história, crítica—mas estabelece que as “personalidades representativas, aquelas individualizadas pelo crítico, só aparecem a partir do Romantismo, com Castro Alves. Outra particularidade é que o livro apresenta uma seleção bibliográfica (Selective Bibliography), conforme o sumário, ao final da obra, indicando, de forma comentada, as obras mais representativas para a interpretação da literatura/cultura brasileira.

Essa parte é renomeada no interior do livro, chama-se “Selective Critical Bibliography”, e apresenta-se da seguinte forma:

As the purpose of this book is largely Introductory, the works listed below have been chosen carefully as a miniature critical library for the student. Numerous other volumes are mentioned in the footnotes of the text. I have not considered it necessary to include here a number of works that possess importance chiefly for the specialist (GOLDBERG, 1922, 293).

Apesar do caráter “introdutório” da obra, Isaac Goldberg reúne um referencial teórico que mapeia a formação do Brasil e estabelece uma integração entre cultura, literatura e sociedade na busca por uma “brasilidade” que foi construindo-se no decorrer do tempo. Dessa forma, é muito emblemático observar como a bibliografia comentada de Goldberg mostra sua sintonia com um Brasil que estava fechando um ciclo (social, cultural, econômico etc.) e abrindo-se aqui, timidamente para as novas ideias que vinham sendo preparadas pela geração modernista de 1922, mas ainda preso a um Brasil de valores arcaicos e excludentes. Ao indicar Monteiro Lobato como uma grande renovação da literatura brasileira, Goldberg considera sua condição de intelectual combatente, inserido na linha de frente de um progresso que não necessariamente passava por uma renovação nas artes.

Dessa forma, a emblemática obra de Isaac Goldberg, com foco nos leitores de Língua Inglesa, coloca o Brasil num circuito de divulgação mais amplo. Conforme observado acima, a introdução, a dedicatória, o prefácio e, em especial a bibliografia comentada, representam uma consciência do amadurecimento do Brasil no decorrer do tempo. O grande problema foi o eclipse causado na obra com a revolução dos modernistas de 1922.

Com os modernistas entra em cena outra “explicação” para a formação do Brasil e não havia mais lugar para aqueles críticos, como José Veríssimo, Silvio Romero, Ronald de Carvalho, ou historiadores como Capistrano de Abreu e Oliveira Lima, ou o sucesso de público na figura de Coelho Neto ou da poesia sem pulsação de Olavo Bilac. Do passado só restou Machado de Assis.

A independência cultural do Brasil ainda estava em construção quando do aparecimento de Monteiro Lobato e Isaac Goldberg, escritores que buscavam constituir uma rede intelectual que fosse autorregida por um novo conceito de intelectual. Não apenas que apresentasse obras ou (aclimatasse) teorias, mas que estivesse inserido em diversos processos: participasse da edição de obras, coletâneas e tradução, orientasse o gosto do público com a participação em obras crítica e história literária, seja em páginas de jornal ou na publicação de obras que trouxesse coletâneas de diversos escritores. Tudo isso num contexto em que muitos leitores nem sabiam o idioma falado no Brasil, como sugere Goldberg: “I may be pardoned if I indicate, for example, that the language of Brazil is not Spanish, but Portuguese.” (1922, IX)

Por outro lado, esses intelectuais, ao contrário dos Modernistas, não fizeram uma ruptura completa com o passado. Apenas estavam redefinindo sua interpretação. Buscavam um sentido para a trajetória das letras no Brasil. Assim, é de grande importância observar **Brazilian Literature** não apenas como um simples panorama da literatura brasileira, por um estrangeiro, mas como uma obra que poderia promover o Brasil sob um do ponto de vista jornalístico.

Considerações Finais

É de grande importância Goldberg escolher Monteiro Lobato como o representante maior da “nova geração” de escritores brasileiros, assim como é importante analisar as obras inseridas, e comentadas uma a uma, na parte da “seleção bibliográfica”. Todas as obras indicadas possuem uma representatividade para a construção do cânone literário brasileiro:

- Estão presentes três estrangeiros precursores dos estudos da literatura no Brasil: Ferdinand Denis; Ferdinand Wolf e Francisco Adolpho de Varnhagen;

- Estão ali os três historiadores e críticos que publicaram uma história da literatura brasileira: Sílvio Romero (publica sua obra em 1888); José Veríssimo (publica em 1916) e Ronald de Carvalho (publica em 1920);

- Goldberg também indica três estrangeiros contemporâneos, que interpretaram a cultura brasileira: Victor Orban, M. Garcia Merou e Enrique Bustamante y Ballivian.

Outra obra que chama a atenção é o **Livro do centenário (1500-1900)** que possui uma ousada tarefa de mapear a formação do Brasil a partir de seus intelectuais. Eis a proposta da obra:

Esta obra afanosa de quatro séculos, testemunho de um esforço másculo e promessa de brilhante porvir, — eis o assunto das 15 memórias que compõem o **Livro do Centenário**, agora iniciado com o presente volume.

Pelo variado das matérias foi mister cometer a composição delas a distintos especialistas, como se vê da seguinte relação:

- O Descobrimento do Brasil. O Povoamento do solo. Organização administrativa e política. Evolução social ... João Capistrano de Abreu.
- A Religião. Ordens religiosas. Instituições pias e beneficentes ... Padre Dr. Júlio Maria. Religiões acatólicas. . . Dr. José Carlos Rodrigues
- A Literatura. . . Dr. Sylvio Romero.
- A Instrução. A Imprensa. . . José Veríssimo de Mattos.
- As Belas-artes . . . Henrique Coelho Netto.
- As Ciências jurídicas e sociais. Organização judiciária. . • Dr. Júlio de Barros Raja Gabaglia.
- As Ciências matemáticas, físicas e naturais. Trabalhos e explorações científicas. . . Dr. Arthur Getúlio das Neves
- As Ciências médico-farmacêuticas. (1500-1808). . . Dr. José Eduardo Teixeira de Sousa. — (1808- 1900). . . Dr. Agostinho José de Sousa Lima. — Homeopatia. . . Dr. Joaquim Duarte Murtinho.
- A Engenharia: viação, obras públicas, construções em geral. (1500- 1808). . . Dr. António de Paula Freitas. — (1808- 1900) . . . Dr. Atidre Gustavo Paulo de Frontin.
- A Mineração. Riquezas minerais . . . Dr. Joaquim Catidido da Costa Semia e Dr. António Olyntho dos Santos Pires.
- A Industria. Riquezas extrativas . . . Dr. Luiz Rafael Vieira Souto
- A Lavoura. Riquezas vegetais. . . Dr. José Cardoso Moura Brasil.
- O Commercio e a navegação. As Finanças. . . Dr. Honório Augusto Ribeiro.
- Organização militar. Exército e armada. Milícia cívica. Fortificações. Arsenais. — (Exército). . . General Bibiano Sérgio Macedo cia Fontoura Costallat. — (Armada). . . Almirante Arthur de Jaceguay.
- Relações exteriores: alianças, guerras e tratados. Limites do Brasil. Dr. Clóvis Bevilacqua e Coronel Gregório Thaumaturgo de Azevedo. A Notícia histórica dos trabalhos da comemoração, confiada ao dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, porá remate ao **Livro do Centenário** fechando o seu quarto volume.

Eis a galeria que hoje se abre ao estudo e à contemplação dos coevos e vindouros. Não será este de certo um dos resultados menos apreciáveis da campanha cívica, que a Associação do 4º. Centenário tomou sobre seus ombros, inflamada pelo santo Amor da Pátria, e intérprete de um sentimento generoso que eletrizou a tantos corações, do Norte ao Sul do país, das populosas cidades do nosso litoral às plácidas e pitorescas vilas do sertão longínquo, do benemérito chefe do Estado ao mais modesto cidadão.

Apesar de longa, a citação acima mostra a inserção de Goldberg num projeto amplo de compreender o Brasil a partir de vários pontos de vista. **Brazilian Literature** serve, portanto, de referência porque trazia todas as dimensões de um país que começava a ser redescoberto pelos americanos. Pois como bem salientava Isaac Goldberg, o interesse pela América Latina não era apenas literário ou cultural. Ele somente não percebeu que outro redescobrimento estava por vim, mas esse não pelo estrangeiro e sim por brasileiros que iniciaram uma revolução chamada Modernismo. Ainda estava em sintonia com as propostas do **Livro do centenário** e as ideias visionárias de Monteiro Lobato.

Referências:

BARBOSA, João Alexandre. “Paixão interpretativa”. In:BARBOSA, João Alexandre. **A leitura do intervalo**. São Paulo: Secretaria Estadual de Cultura; Iluminuras, 1990.

BARBOSA, João Alexandre. Reflexões sobre o método. **Itinerários**, Araraquara, n. 24, 15-31, 2006.

CARTER, Rosemary de Paula Leite. **Monteiro Lobato acontece na América: análise de duas transposições do conto “O Engraçado Arrependido” de Monteiro Lobato para o idioma inglês, respectivamente, em 1925 e 1947 e a relação intelectual entre o crítico Isaac Goldberg e o autor**

brasileiro. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012. 365 f.

CARVALHO, Ronald. **Pequena História da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Briguier & Cia., 1968.

ELIOT, T.S. Tradition and Individual Talent. **20th Century Literary Criticism.** Longman: London, 1992.

GOLDBERG, Isaac. **Brazilian Literature.** New York: Alfred A. Knopf, 1922.

GOLDBERG, Isaac. A Boston Boyhood. In: **The American Mercury**, July 1929, pp. 354-361

GOLDBERG, Isaac. Introduction. In: LOBATO, Monteiro. **Brazilian Short Stories.** Série Little Blue Books, nº 733. Girard, Kansas: Haldeman-Julius Company, 1925.

KUSHNER, Eva. Articulação histórica da literatura. In: ARGENOT, Mark (et alii). **Teoria literária: problemas e perspectivas.** Tradução de Ana Luisa Faria & Miguel Serras Pereira. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

LIVRO DO CENTENÁRIO: 1500-1900. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.

VERÍSSIMO, José. **Historia da literatura brasileira:** de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916

VERÍSSIMO, José. A nossa evolução literária. In: VERÍSSIMO, José. **Últimos estudos de literatura brasileira: sétima série.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

Recebido em 05 de março de 2021.

Aceito em 12 de janeiro de 2022.